

ESPAÇO ABERTO

FRANCISCO J. N. KRONKA

Um debate sobre o eucalipto

Periodicamente têm sido divulgadas informações sobre as florestas de rápido crescimento (pinus e eucalipto) que não se coadunam com a realidade de um setor altamente profissionalizado e cuja atuação põs o Brasil em posição de vanguarda, com geração de estratégias divisas ao País. A expansão dessas florestas torna-se necessária e apresenta ótimas perspectivas em curtíssimo prazo, cuja principal consequência é a geração de empregos.

Não se defende a produção florestal ultrapassando os limites estabelecidos pela legislação. É necessário que, entre os diferentes órgãos envolvidos, haja convergência de ações de maneira que ocorra de fato uma transversalidade e não o despreparo, a imobilidade e a desarticulação. As condições que atualmente prevalecem já ocasionaram consequências negativas para o Estado de São Paulo, uma vez que, pela primeira vez, houve decréscimo das áreas com florestas plantadas: 812 mil hectares em 1992 e 770 mil hectares em 2001.

O abastecimento industrial tem sido assegurado pelo aumento da produtividade das florestas plantadas que no País é dez vezes superior à dos líderes mundiais, sendo a nossa silvicultura reconhecida como uma das mais evoluídas. A produção de toras para serraria ou laminação tem sido o objetivo básico do manejo das florestas nos principais países produtores de madeira serrada. Esse manejo de ciclo maior, mais técnico e mais lucrativo, tem como subprodutos a matéria-prima para celulose, painéis com base em madeira e para energia.

Entendemos ser necessário o debate sobre o sistema silvicultural para o eucalipto. Há necessidade de que sejam avaliados plantios com espaçamentos iniciais mais amplos, com corte final aos 12/15 anos, com a execução de podas (cortes dos galhos) e desbastes intermediários. Desta forma, nesta idade as árvores já produziram toras de maior valor.

Dentre os maiores exportadores de madeira serrada destaca-se, em quinto lugar, a Áustria, país cem vezes menor que o Brasil, que ocupa o nono lugar! Devemos fazer uma reflexão sobre tal

condição, considerando-se que a produção austríaca é originária de pequenas propriedades, exploradas em regiões acidentadas. Com uma legislação, porém, exequível e cumprida.

Não devem ainda prevalecer as distorções causadas na época dos incentivos fiscais, em que vultosos recursos nem sempre foram adequadamente utilizados, até em termos ambientais. Seria proibido adotar como pioneiras espécies exóticas em áreas de preservação permanente já degradadas? Recentemente a Estação Ecológica de Assis, unidade do Instituto Florestal de SP, mediante ato legislativo competente, foi ampliada, abrangendo área que fora ocupada por floresta de *E. citriodora* por mais de 20 anos. Sob o *Eucalyptus* regenerou-se a vegetação do cerrado, com densidade e riqueza semelhantes às

áreas preservadas com este tipo de vegetação.

Em recente noticiário sobre possíveis consequências de plantios de *Eucalyptus* na região de Nazaré Paulista, levanta-

mentos efetuados em 12 municípios vizinhos mostram que os reflorestamentos significam apenas 8% das suas áreas totais. De modo nenhum o *Eucalyptus* pode ser o causador de qualquer degradação. O que deve ser considerada é a situação referente a outros usos do solo: pastagens sofríveis e áreas com graves problemas de erosão.

Questões que antes eram polêmicas, relacionando as florestas plantadas com a alteração do ciclo hidrológico ou de nutrientes e liberação de substâncias químicas, já estão revistas, cientificamente embasadas pelo trabalho sério e competente de instituições e profissionais da mais alta responsabilidade. Embora tenhamos atingido alto nível tecnológico em grande parte da silvicultura, processamento e industrialização das florestas de rápido crescimento, necessário se faz que os obstáculos para a ampliação das áreas florestais de rápido crescimento sejam superados e o assunto conduzido de forma competente e sem radicalismos.

Os obstáculos para a ampliação da área florestal devem ser removidos

■ Francisco Kronka é agrônomo e pesquisador-científico do Instituto Florestal (kronka@iflorestsp.br)